



# Desinformação climática e COP 30

Análise da Revista Oeste, Gazeta do Povo, Pleno.News e Jornal da Cidade



# Introdução

A COP-30 vem aí! E com ela, o meio-ambiente respira sossegado. Bom, em partes. Uma das questões levadas na COP deste ano, realizada em Belém do Pará, é a desinformação. Pensando nisso, nós, jornalistas da disciplina Jornalismo Multiplataforma, I da UFPB ousamos averiguar o que os jornais estão falando sobre o tema do meio-ambiente.

E o resultado é um verdadeiro panorama de contrastes. Enquanto alguns veículos reforçam dados científicos e destacam iniciativas de preservação, outros acabam reproduzindo informações superficiais ou incorretas, alimentando mito e confusões sobre mudanças climáticas, desmatamento e políticas ambientais. A diversidade de abordagens evidencia que, mais do que nunca, o papel do jornalismo crítico e bem apurado é fundamental para que a população consiga separar o que é fato do que é achismo.

Para isso, realizamos uma apuração em quatro jornais que, historicamente, desinformam sobre temas ambientais: Pleno.News, Gazeta do Povo, Revista Oeste e Jornal da Cidade Online. E, nesta checagem, a bola catada foi a pauta verde – ou seja, apesar do tema ser de grande relevância, esses jornais continuaram a propagar desinformação, minimizando impactos, distorcendo fatos e reproduzindo narrativas equivocadas sobre mudanças climáticas, desmatamento e políticas ambientais.

A análise demonstra que, mesmo quando o assunto é urgente e amplamente debatido, certos veículos ainda falham em informar de maneira responsável.

# Introdução

Essa situação evidencia o papel crucial da COP-30 como espaço não somente de negociação política e ambiental, mas também de conscientização pública. Quando veículos que historicamente desinformam mantêm narrativas equivocadas, a população arrisca ser mal orientada sobre questões que impactam diretamente o futuro do planeta.

Por isso, o jornalismo crítico e bem apurado se mostra mais essencial do que nunca. Cabe aos jornalistas separar fatos de achismos, checar dados científicos e oferecer contextos claros, para que a sociedade possa compreender a gravidade das mudanças climáticas e a urgência das ações de preservação. Em um cenário no qual a desinformação ainda circula amplamente, a informação confiável torna-se uma ferramenta de resistência e de transformação social.

No fim das contas, a COP-30 não é apenas um evento político ou diplomático: é um termômetro do compromisso da sociedade com o planeta. E, enquanto houver desinformação nos meios de comunicação, o desafio do jornalismo será garantir que a pauta verde não seja apenas discutida, mas entendida, valorizada e transformada em ações concretas.

**ANA JÚLIA DA SILVA**

**GEAN DOS SANTOS DA COSTA**

**JHÚLIO FERNANDO ALVES DE MIRANDA**

**LUCAS SALATIEL OLIVEIRA DA SILVA**

**RYANN LUCAS OLÍMPIO SANTOS**

**João Pessoa, setembro de 2025**

# Proposta de trabalho

O presente trabalho tem como objetivo analisar o tratamento dado por diferentes jornais ao tema do meio ambiente, identificando indícios de desinformação, manipulação ou omissão de dados relevantes. A proposta surge no contexto da COP (Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas), espaço de discussão internacional em que o acesso à informação qualificada e o combate à desinformação são elementos fundamentais para a formulação de políticas públicas ambientais eficazes. Para isso, será aplicada uma matriz de análise composta por oito critérios que permitem avaliar de forma sistemática como cada veículo constrói sua narrativa sobre questões ambientais.

## ETAPA 1

O processo de análise será realizado em etapas. Em primeiro lugar, será feita a seleção de matérias jornalísticas que abordem diretamente assuntos relacionados ao meio ambiente e suas derivações, como mudanças climáticas, desmatamento, exploração de recursos naturais, políticas públicas ambientais e ações de movimentos sociais. A escolha das matérias buscará contemplar tanto veículos de grande circulação quanto jornais “direcionados”, a fim de captar diferentes perspectivas.

## ETAPA 2

Em seguida, cada matéria será submetida à matriz de análise, composta por critérios que observam:

- a natureza e credibilidade das fontes utilizadas;
- a presença ou ausência de omissões de informações relevantes;
- a forma de enquadramento do tema (se como problema real ou como exagero/“alarmismo”);
- a linguagem empregada;
- a utilização de estratégias típicas de desinformação (negação direta, dúvida artificial, falsas soluções, teorias da conspiração etc.);
- a relação entre interesses econômicos e a linha editorial;
- as vozes privilegiadas no discurso jornalístico;

## Fontes utilizadas

O jornal cita fontes científicas reconhecidas (como IPCC, universidades, órgãos ambientais) ou usa fontes duvidosas/interessadas?

### **Reportagem 1: Natal, Capital do Rio Grande do Norte: avanço do mar e erosões**

A notícia, veiculada no site da Revista Oeste em outubro de 2024, cita fontes reconhecidas de forma não aprofundada, por exemplo: “Conforme especialista da Universidade Federal do Rio Grande do Norte”. Outra fonte utilizada é o professor de engenharia civil e ambiental, Venerando Eustáquio.

### **Reportagem 2: Substituir o plástico por outras alternativas é pior para o meio ambiente, mostra pesquisa**

O segundo texto tem como fonte uma pesquisa realizada pela Environmental Science & Technology, revista que publica artigos relacionados a assuntos ambientais.

## Credibilidade das fontes

**Os especialistas têm formação e autoridade na área ou são opiniões leigas sem respaldo?**

**Na reportagem 1**, o especialista é o professor de engenharia civil e ambiental, Venerando Eustáquio Amaro, que atua na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e é pesquisador nas áreas de geociências e geofísica.

**Na reportagem 2**, a autoridade é a revista Environmental Science & Technology que é reconhecida pela publicação de artigos e pesquisas, principalmente nas seguintes áreas: Ciclagem Biogeoquímica; Biorremediação e Biotecnologia; Ciência de Dados; Ecotoxicologia e Saúde Pública; Energia e Clima; Ocorrência, destino e transporte de contaminantes aquáticos e terrestres; Ocorrência, destino e comportamento de contaminantes no ar e na atmosfera internos; Tratamento físico-químico e recuperação de recursos e Sistemas Sustentáveis.

## Omissão de informações

**O texto ignora consensos científicos, oculta dados relevantes ou apresenta exemplos isolados para negar tendências globais?**

**Reportagem 3: Plano Clima do governo federal é sabotagem ao próprio país**

A notícia ignora os problemas ligados à preservação ambiental e julga a iniciativa do governo para redução de 50% na produção de gases efeito estufa, até 2030.

**Reportagem 4: Ricardo Felício: 'Mudanças climáticas – O alarde continua**

Utiliza como fonte uma palestra ministrada por um “especialista”, chamado Dr. Ole Humlum, professor de geografia física da Universidade de Oslo, para validar o discurso de que “não há provas da existência de uma crise climática no planeta”. O autor negacionista, faz uso de vários dados isolados para justificar seu posicionamento.

## Enquadramento

**O tema é tratado como problema real ou como “alarmismo/exagero”?**

Na reportagem 3, a iniciativa do Governo Federal – Plano Clima – é minimizada, o autor se refere a ação como uma “punição” ao agro que, segundo ele, é tratado como “vilão” pelo governo.

Na reportagem 4, o tema mudanças climáticas é colocado pelo autor como uma “proeza” que alguns cientistas tentam “vender” há anos ou um “alarde” (presente no título do artigo).

## Linguagem

**Há uso de termos depreciativos (“histeria climática”, “agenda ideológica”), sarcasmo ou ironia para descredibilizar ciência e ambientalistas?**

No texto 4, o uso do termo “matemágica” para referir-se às estatísticas dos dados meteorológicos, descredibiliza os estudiosos e cientistas que se dedicam a entender as mudanças climáticas.

Tanto o título do artigo, quanto no restante do texto mudanças climáticas só aparece entre aspas, o que apaga a seriedade da situação, como se a frase significasse um exagero, o problema se repete com consciência climática.

## Estratégias de desinformação

Identifique quais estão presentes:

- Negação direta
- Dúvida artificial (“a ciência está dividida”)
- Culpabilização seletiva (indígenas, ONGs, países pobres)
- Falsas soluções
- Teorias da conspiração

Na reportagem 2 ignora os efeitos que o uso exagerado do plástico para a saúde do planeta, e utiliza uma pesquisa isolada para “informar” o público, o que pode causar uma confusão para quem lê o conteúdo.

Na reportagem 3 nega que o agronegócio seja prejudicial para a preservação do meio ambiente e influência para que os leitores acreditem na ideia de que agro adota diversas medidas para preservação.

Na reportagem 4, há uma contradição científica, a escolha de basear a opinião do artigo em apenas uma fonte não é inocente. O autor em todos os parágrafos tenta desacreditar os cientistas, alegando que não existem provas de uma crise climática iminente e que as mudanças climáticas são uma farsa.

## Interesses econômicos

**Há anúncios ou vínculos com setores como agronegócio, petróleo, mineração, que possam influenciar a linha editorial?**

Após a análise é possível observar que a revista é parcial e escolhe favorecer o setor do agronegócio, principalmente da região Sul e Centro-oeste.

## Vozes privilegiadas

**Quem tem mais espaço na matéria: empresários/políticos ou cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais?**

Nas matérias observadas, os movimentos sociais, assim como nenhuma minoria, parece ter voz dentro da revista. Enquanto isso, existe um programa dedicado apenas à defesa do agronegócio e ataques velados a políticos ativistas como Marina Silva são comuns.

## Fontes utilizadas

**O jornal cita fontes científicas reconhecidas (como IPCC, universidades, órgãos ambientais) ou usa fontes duvidosas/interessadas?**

Em um artigo publicado no dia 19/08/2025, intitulado “A 'Indústria do Clima' ficou sem clima”, assinado por Lorenzo Carrasco, é relatada uma pesquisa isolada do Departamento de Energia dos EUA, intitulada “Uma revisão crítica dos impactos das emissões de gases de efeito estufa sobre o clima dos EUA”. O estudo, segundo o jornalista, contraria todos os “estudos” (termo colocado entre aspas pelo autor) publicados na última década. Carrasco prossegue afirmando que essa é a primeira avaliação rigorosa da dinâmica climática realizada e divulgada oficialmente pelo governo de uma grande potência – no caso, os Estados Unidos. No corpo do trabalho, Lorenzo dá nome aos cientistas que fizeram parte da colaboração do projeto. Mediante isso, atribuí uma busca em cada pesquisador apresentado ao longo do texto.

O primeiro pesquisador mencionado é John Christy, Ph.D. – climatologista da Universidade do Alabama, em Huntsville. Em uma busca simples, o primeiro dado encontrado sobre ele refere-se a um editorial publicado em 2007, no qual afirma não ver qualquer evidência de aquecimento global em andamento e critica fortemente o IPCC, bem como todos os que trabalham com o tema.

## Fontes utilizadas

Judith Curry, Ph.D., é outra pesquisadora, também doutora, desta vez pela Universidade de Chicago. Especialista em ciências geofísicas, ao buscarmos seu nome, o primeiro texto que aparece refere-se a uma publicação de 2010, na qual a autora critica Judith por ser uma pessoa cética e negacionista do clima. Além disso, ela é conhecida por hospedar um blog associado ao discurso de negação das mudanças climáticas. [Climate Heretic: Judith Curry Turns on Her Colleagues | Scientific American.](#)

Roy Spencer, Ph.D. e climatologista da Universidade do Alabama, em Huntsville, é conhecido por seu posicionamento negacionista em relação às mudanças climáticas. Em diversas ocasiões, chegou a comparar especialistas que defendem o consenso científico sobre o aquecimento global aos chamados “[Global Warming Nazis](#)” (nazistas do aquecimento global).

## Credibilidade das fontes

### **Os especialistas têm formação e autoridade na área ou são opiniões leigas sem respaldo?**

Os especialistas mencionados no texto possuem formação acadêmica e autoridade na área de climatologia, o que lhes confere legitimidade técnica para abordar o tema. John Christy, Judith Curry e Roy Spencer são todos doutores e vinculados a instituições reconhecidas, como a Universidade do Alabama em Huntsville e a Universidade de Chicago. No entanto, suas posições são amplamente conhecidas por contrariar o consenso científico sobre as mudanças climáticas.

John Christy já afirmou não ver evidências de aquecimento global em andamento e critica o IPCC; Judith Curry é frequentemente rotulada como cética ou negacionista do clima e mantém um blog alinhado a esse discurso; Roy Spencer, por sua vez, tem um histórico de declarações polêmicas, chegando a comparar defensores do consenso climático a “nazistas do aquecimento global”. Assim, embora suas opiniões não sejam leigas, sua credibilidade dentro da comunidade científica é frequentemente questionada devido à postura ideológica e ao distanciamento das evidências aceitas pela maioria dos especialistas na área.

## Omissão de informações

**O texto ignora consensos científicos, oculta dados relevantes ou apresenta exemplos isolados para negar tendências globais?**

O texto apresenta uma clara tendência a ignorar consensos científicos amplamente estabelecidos, ocultar dados relevantes e utilizar exemplos isolados para negar as tendências globais relacionadas às mudanças climáticas.

Ele rejeita diretamente o consenso do IPCC, que é o principal órgão internacional responsável por compilar as melhores evidências científicas sobre o tema, tratando-o como “suposto” ou “imposto”, o que distorce a realidade do consenso construído ao longo de décadas de pesquisas rigorosas e revisadas por pares.

Além disso, o texto afirma que o recente relatório do Departamento de Energia dos EUA seria a primeira avaliação científica rigorosa da dinâmica climática, o que é falso, pois existem inúmeros relatórios oficiais e revisados por especialistas, como os publicados pela NASA, NOAA e pelo próprio IPCC. Há uma omissão intencional dos relatórios mais recentes do IPCC e da posição oficial da comunidade científica mundial sobre o aquecimento global.

## Enquadramento

### **O tema é tratado como problema real ou como alarmismo/exagero”?**

Nos textos analisados de Lorenzo Carrasco e da Gazeta do Povo, o tema das mudanças climáticas é tratado predominantemente como alarmismo e exagero, e não como um problema real. As matérias recorrem a termos depreciativos e irônicos, como “cenários delirantes”, “evangelho verde”, “cenários apocalípticos” e “alarmes disparados pela academia”, para ridicularizar previsões científicas e alertas climáticos, minimizando a seriedade das evidências.

Ao mesmo tempo, ignoram o consenso científico amplamente aceito pelo IPCC e por outras instituições, destacando apenas estudos isolados que contradizem a maioria das pesquisas, criando a impressão de que a ciência climática é duvidosa ou manipulada. A narrativa privilegia empresários e políticos, enquanto descredibiliza cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais, apresentando políticas ambientais como produtos de ideologias extremas ou fanatismo ambiental. Dessa forma, o enquadramento reforça a ideia de que as mudanças climáticas são exageradas e alarmistas, transformando alertas científicos fundamentados em supostas histerias ideológicas.

## Linguagem

**Há uso de termos depreciativos (“histeria climática”, “agenda ideológica”), sarcasmo ou ironia para desacreditar ciência e ambientalistas?**

No Texto 1, são utilizados termos como “sabotagem interna” e “radicais ideológicos em cargos estratégicos” para desqualificar as propostas e as pessoas envolvidas no Plano Clima, sugerindo que essas políticas são manipuladas por ideologias extremas que atacam o agronegócio. A expressão “narrativas ultrapassadas” também é empregada para invalidar as ideias ambientais, dando a entender que as propostas estão desatualizadas e não condizem com a realidade. Plano Clima: a nova sabotagem do governo contra o país

No Texto 2, o autor recorre ao termo “cenários delirantes” para descrever as propostas ambientais, sugerindo que são fantasiosas e sem base real. A crítica aos biomas, como sendo “santuários de preservação intocáveis”, implica uma visão irreal e exagerada da proteção ambiental, e a expressão “evangelho verde” utiliza ironia para comparar o compromisso com o meio ambiente a uma crença religiosa, diminuindo a seriedade das ações ambientais. O termo “pregadores das virtudes ambientalistas” também é uma forma depreciativa de tratar aqueles que defendem as questões ecológicas, como se fossem fanáticos propagadores de uma ideologia sem base na realidade. Por fim, a expressão “cair na real” é um claro exemplo de sarcasmo, sugerindo que os ambientalistas precisam abandonar suas visões idealistas e entender a “realidade”. “Transição ecológica”: caindo na real

## Linguagem

**Há uso de termos depreciativos (“histeria climática”, “agenda ideológica”), sarcasmo ou ironia para desacreditar ciência e ambientalistas?**

No Texto 3, a autora utiliza a expressão “cenários apocalípticos” para desacreditar as previsões ambientais alarmistas, sugerindo que os alertas sobre as mudanças climáticas são exagerados e catastróficos. A frase “alarmes disparados pela academia” também tem o intuito de diminuir a seriedade das preocupações dos cientistas, tratando-os como se estivessem criando pânico sem fundamentos sólidos.

Além disso, o conceito “culpa ecológica” é utilizado de maneira irônica, sugerindo que o medo do colapso ambiental é alimentado de forma excessiva e irracional. O termo “pregadores das virtudes ambientalistas” é novamente usado para desqualificar os defensores do ambientalismo, pintando-os como pessoas que promovem um discurso moralista e exagerado, mais preocupadas com a retórica do que com os fatos.

O alarmismo climático está fazendo os jovens desistirem de ter filhos.

## Estratégias de desinformação

**Negação direta. Dúvida artificial (“a ciência está dividida”). Culpabilização seletiva (indígenas, ONGs, países pobres). Falsas soluções. Teorias da conspiração.**

Lorenzo Carrasco, o jornalista que mais tem abordado os debates climáticos em seus artigos, escreve para a Gazeta do Povo desde 27 de abril de 2024, data em que seu primeiro texto foi publicado no site do jornal.

Sua participação caracteriza-se por uma crítica ferrenha ao modelo defendido pelos ambientalistas do mundo inteiro. Já a partir dos títulos de suas matérias, observam-se expressões pejorativas em relação à pauta climática, como: “O fracasso dos Verdes e a revanche da energia nuclear”, “Trump derrota a ‘agenda verde’” e “verde-woke”. Ao adentrarmos o conteúdo, termos como “globalismo”, “indústria do clima”, “indústria do clima catastrófico” e “catastrofismo ambiental” reverberam com frequência em seus textos.

## Interesses econômicos

**Há anúncios ou vínculos com setores como agronegócio, petróleo, mineração, que influenciem a linha editorial?**

Nos conteúdos patrocinados, é possível perceber uma clara divisão. Durante a busca pelas informações, um dos artigos que mais se destacava afirmava que o judiciário seria a última defesa do produtor rural.

Além disso, havia anúncios de empresas e publicações institucionais patrocinadas por prefeituras e governos dos estados do Sul. Também apareceram conteúdos pagos por uma variedade de empresas, que iam desde hidrelétricas até fabricantes de eletrodomésticos.

## Vozes privilegiadas

### **Quem tem mais espaço na matéria: empresários/políticos ou cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais?**

Na análise realizada, verificamos que, nos exemplos observados a partir da Gazeta do Povo, o espaço na cobertura sobre "meio ambiente" é predominantemente ocupado por empresários e políticos, em detrimento de cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais. Dois dos jornalistas mais ativos nesse tipo de cobertura, Pedro Lupion e Lorenzo Carrasco, refletem bem essa dinâmica.

Pedro Lupion, por exemplo, é deputado federal, presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), e um produtor rural com forte ligação ao cooperativismo. Já Lorenzo Carrasco, além de jornalista, é coautor da série de livros *Máfia Verde: O Ambientalismo a Serviço do Governo Mundial* (2001) e *Máfia Verde 2: Ambientalismo, Novo Colonialismo* (2005), trazendo uma perspectiva crítica sobre o tema.

## Fontes utilizadas

### **O jornal cita fontes científicas reconhecidas?**

Pleno.News costuma citar fontes reconhecidas quando fala de meio ambiente, principalmente órgãos oficiais como o INPE (responsável pelo monitoramento do desmatamento), o Ibama e a CTNBio, que regulam e fiscalizam a questão ambiental e de biossegurança no Brasil. Esses são dados confiáveis e geralmente usados também pela comunidade científica e pela grande imprensa.

## Credibilidade das fontes

**Os especialistas têm formação e autoridade na área ou são opiniões leigas sem respaldo?**

Quando aparecem especialistas em matérias ambientais, são geralmente ligados a órgãos técnicos ou associações da área. Por exemplo, fiscais do Ibama, técnicos do INPE ou representantes de entidades ambientais. Ou seja, pessoas com um certo grau de autoridade no assunto.

Mas é importante notar que muitas matérias não trazem especialistas de fato: em vez disso, dão destaque a políticos (como ministros e presidente) ou a associações que se posicionam sobre decisões ambientais. Nesses casos, são opiniões de atores interessados, e não análises científicas imparciais.

## Omissão de informações

**O texto ignora consensos científicos, oculta dados relevantes ou apresenta exemplos isolados para negar tendências globais?**

O Pleno.News até usa dados confiáveis, como os do INPE e do Ibama, então ele não ignora totalmente os fatos. Mas o jeito que apresenta as matérias às vezes dá outra impressão: ele foca muito em exemplos isolados ou em declarações políticas, como de ministros ou do presidente, que podem parecer contradizer os números.

Isso faz com que o leitor fique com a sensação de que os problemas ambientais não seguem uma tendência clara, mesmo que, no panorama global, a ciência mostre outra coisa.

## Enquadramento

**O tema é tratado como problema real ou como “alarmismo/exagero”?**

Quando fala de dados oficiais, como desmatamento na Amazônia ou apreensão de peixes geneticamente modificados, o jornal apresenta os fatos de forma direta, sem alarmismo os números do INPE ou do Ibama falam por si mesmos.

Já nas matérias com viés político, o tom muda: declarações de ministros, críticas a governos ou associações são destacadas, e isso às vezes dá a sensação de conflito ou exagero, como se cada dado fosse motivo de grande tensão ou controvérsia. Ou seja, o jornal não inventa problemas, mas pode dar um peso maior a conflitos e declarações do que aos dados reais, o que acaba soando como certo “alarmismo político”.

## Linguagem

**Há uso de termos depreciativos (“histeria climática”, “agenda ideológica”), sarcasmo ou ironia para desacreditar ciência e ambientalistas?**

Nas matérias mais técnicas, que falam de dados do INPE ou do Ibama, o Pleno.News tende a manter um tom neutro, sem termos depreciativos ou sarcasmo.

Porém, em reportagens de conflito político ou ambiental, é mais comum encontrar termos que podem desacreditar certas posições, como referências a “pressão política” sobre órgãos ambientais ou ênfase em declarações que questionam a atuação de ambientalistas ou do governo.

O jornal raramente usa palavras explícitas como “histeria climática”, mas o enquadramento e a escolha de títulos podem transmitir ironia ou ceticismo sobre a ciência e ações ambientais, deixando o leitor com a impressão de que algumas preocupações são exageradas ou ideológicas.

## Estratégias de desinformação

**Negação direta. Dúvida artificial (“a ciência está dividida”). Culpabilização seletiva (indígenas, ONGs, países pobres). Falsas soluções. Teorias da conspiração.**

### **Negação direta**

Não está presente.

O jornal não nega dados oficiais do INPE, Ibama ou CTNBio. Os fatos sobre desmatamento, queimadas ou fiscalização ambiental são apresentados, mesmo que o tom político varie.

### **Dúvida artificial (“a ciência está dividida”)**

Raramente presente.

O Pleno.News às vezes enfatiza declarações conflitantes entre políticos e órgãos ambientais, o que pode dar a impressão de que “não há consenso”, mas não chega a afirmar explicitamente que a ciência está dividida.

### **Culpabilização seletiva (indígenas, ONGs, países pobres)**

Pouco presente.

Não foi encontrado matérias que culpabilizem diretamente grupos específicos como indígenas ou ONGs pelo problema ambiental. Eventualmente, associações ou políticos podem ser criticados ou questionados, mas não há um padrão claro de culpar grupos vulneráveis.

## Estratégias de desinformação

**Negação direta. Dúvida artificial (“a ciência está dividida”). Culpabilização seletiva (indígenas, ONGs, países pobres). Falsas soluções. Teorias da conspiração.**

### Falsas soluções

Não foi identificado.  
As matérias analisadas não propagam soluções milagrosas ou falsas propostas para o desmatamento ou crises ambientais; focam em dados, políticas e ações institucionais.

### Teorias da conspiração

Não está presente.  
Não há indícios de que o Pleno.News publique conteúdos que sugerem conspirações globais ou planos secretos relacionados ao meio ambiente. As matérias políticas são críticas ou enquadram conflitos, mas permanecem baseadas em fatos verificáveis.

## Interesses econômicos

**Há anúncios ou vínculos com setores como agronegócio, petróleo, mineração, que influenciem a linha editorial?**

Sim, o Pleno.News tem vínculos com setores como agronegócio, mineração e outros, o que pode influenciar sua linha editorial. Um exemplo claro disso é a Semana do Meio Ambiente 2023, organizada pelo jornal, que contou com o patrocínio de dez empresas privadas, incluindo grupos do agronegócio, mineração, logística, setor de bebidas e alimentação.

Esse tipo de parceria pode impactar a cobertura jornalística, especialmente em matérias que envolvem temas sensíveis como desmatamento, licenciamento ambiental e políticas públicas voltadas para esses setores. O apoio financeiro de empresas com interesses diretos nessas áreas pode resultar em uma cobertura mais favorável ou menos crítica a práticas que afetam o meio ambiente.

## Vozes privilegiadas

**Quem tem mais espaço na matéria: empresários/políticos ou cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais?**

Declarações de ministros, presidentes e associações de setores econômicos aparecem com destaque, e muitas vezes são o foco central do texto. Quando há disputas ou decisões políticas, o jornal prioriza essas vozes para construir a narrativa.

Menos espaço para cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais:

Técnicos de órgãos

Referências:

- [Câmara aprova projeto que muda licenciamento ambiental](#)
- [Gleisi Hoffmann culpa Bolsonaro por incêndios no Brasil](#)
- [Associação critica “pressão de Lula” em cima do Ibama](#)
- [Bolsonaro diz que a legislação ambiental é um problema](#)
- [CPI aponta relação suspeita entre secretária de Marina Silva e](#)

[ONG | Brasil | Pleno.News](#)

## Fontes utilizadas

**O jornal cita fontes científicas reconhecidas (como IPCC, universidades, órgãos ambientais) ou usa fontes duvidosas/interessadas?**

Na maioria das matérias do Jornal da Cidade Online não há referência a fontes científicas reconhecidas, como relatórios do IPCC, estudos de universidades ou pesquisas publicadas em revistas especializadas.

O conteúdo se apoia principalmente em declarações políticas, críticas de opositores e interpretações de caráter opinativo, sem apresentar dados técnicos de órgãos ambientais ou institutos de pesquisa que possam sustentar as acusações feitas.

A linguagem é marcada por termos acusatórios e por uma retórica de denúncia, mas não há indicação de metodologias, estatísticas verificáveis ou estudos independentes que confirmam rigor científico às afirmações.

Assim, em vez de recorrer a fontes consolidadas no campo da ciência, o jornal utiliza fontes interessadas e posicionadas politicamente, o que coloca em dúvida a credibilidade e a objetividade das informações apresentadas.

Por outro lado, em matérias mais tendenciosas, como "Ibama covardemente silencia sobre "crime ambiental" cometido por Lula" e "Com o PT, facções transformam Amazônia em rota do crime", não é usado dados confiáveis e o que aparece é mais uma crítica ao presidente e informações baseadas nas opiniões.

## Credibilidade das fontes

**Os especialistas têm formação e autoridade na área ou são opiniões leigas sem respaldo?**

As matérias não nomeiam com clareza pesquisadores, doutores ou técnicos de universidades ou institutos científicos cujo currículo ou vínculo seja explicado. Não há, por exemplo, menção a biólogos, climatologistas, engenheiros ambientais com suas filiações ou cargos, nem uso de relatórios com autoria acadêmica descrita.

As fontes parecem majoritariamente políticas (críticos de governo, opositores, funcionários públicos em sentido institucional/político) ou institucionais, mas sem demonstrar “autoridade técnica” no sentido de respaldo científico (pesquisas publicadas, etc.).

Portanto, o jornal recorre mais ao efeito retórico, às denúncias, às comparações políticas, do que a debates técnicos apoiados por especialistas reconhecidos.

## Omissão de informação

**O texto ignora consensos científicos, oculta dados relevantes ou apresenta exemplos isolados para negar tendências globais?**

Nas matérias do Jornal da Cidade Online, há indícios de que eles usam exemplos isolados ou acusações pontuais de forma a reforçar uma tese de que a atuação ambiental do governo seria incompetente ou intencionalmente omissa.

Entretanto, não há esforço verificável para mostrar, por meio de estudo científico consensual, que esses casos são exceção ou parte de uma tendência global reconhecida, nem para apresentar comparações com padrões internacionais ou explicar variáveis que expliquem os dados.

Por exemplo, uma matéria afirma que “a floresta amazônica registrou o maior número de focos de incêndio do século sob a gestão da ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva”. Essa afirmação levanta uma acusação forte, mas não há apresentação de como se mede esse “maior número do século”, se via dados contínuos embasados em satélites ou medições científicas auditáveis, nem se há ponderações sobre fatores climáticos externos, como condições meteorológicas (seca, vento, etc.), nem se compara com a variabilidade histórica de focos de incêndio em séculos passados com registros confiáveis.

## Omissão de informação

**O texto ignora consensos científicos, oculta dados relevantes ou apresenta exemplos isolados para negar tendências globais?**

Outra matéria sustenta que “facções transformam Amazônia em rota do crime”, mencionando que centenas de municípios já têm “presença confirmada de facções criminosas” e que essas facções estariam ligadas a desmatamento, tráfico etc. Embora seja possível que exista ação criminosa nessa região (o que naturalmente pode agravar problemas ambientais), o artigo parece usar essa narrativa para generalizar ou implicar que a destruição ambiental é resultado direto da ação dessas facções, sem demonstrar com clareza estudos que quantifiquem essa ligação, ou que mostrem se isso é uma causa primária ou uma dentre várias.

## Enquadramento

### **O tema é tratado como problema real ou como “alarmismo/exagero”?**

Nesse portal, o tema ambiental não é tratado como um problema real de base científica, mas sim como alarmismo ou exagero. A abordagem se concentra em desqualificar personagens ligados à pauta ambiental, como Marina Silva, o IBAMA ou artistas que se engajam no debate, usando termos depreciativos e acusatórios. Os textos falam em “campeã do mal”, “covardemente silencia” e insinuam que denúncias sobre queimadas em governos anteriores foram “fabricadas”. Isso mostra que a preocupação ambiental é retratada como uma espécie de discurso manipulado, ideológico e exagerado, em vez de uma questão sustentada por consensos científicos sobre desmatamento, incêndios ou mudanças climáticas.

Ou seja, os problemas ambientais aparecem mais como instrumentos políticos ou retóricas usadas para enganar a sociedade, e não como fenômenos concretos que exigem análise técnica e soluções baseadas em ciência.

## Linguagem

**Há uso de termos depreciativos (“histeria climática”, “agenda ideológica”), sarcasmo ou ironia para desacreditar ciência e ambientalistas?**

As matérias analisadas utilizam uma linguagem marcada por termos depreciativos, sarcasmo e ironia, com o objetivo de desacreditar a ciência, os ambientalistas e o governo. Logo nos títulos já se percebe esse tom, como em “Marina, a campeã do mal” e “Ibama covardemente silencia sobre crime ambiental cometido por Lula”, em que expressões como “campeã do mal” e “covardemente” carregam julgamento moral e atacam diretamente a imagem de pessoas e instituições, antes mesmo da apresentação dos fatos. No corpo dos textos, aparecem adjetivos como “incompetente” e “esdrúxulo” para se referir ao ministério e a seus representantes, além de insinuações de corrupção, como a afirmação de que o silêncio dos artistas teria sido “comprado” com recursos da Lei Rouanet.

Esses elementos reforçam um tom de acusação e ridicularização, que se distancia de uma abordagem informativa equilibrada. Embora os termos específicos “histeria climática” ou “agenda ideológica” não tenham sido encontrados literalmente nas matérias citadas, a retórica é equivalente: busca-se minimizar ou deslegitimar discursos ligados à preservação ambiental, associando-os a exagero, hipocrisia ou interesses obscuros. Assim, o efeito geral não é o de informar de forma neutra, mas de mobilizar indignação no leitor por meio de ataques pessoais e institucionais, com forte carga de sarcasmo e ironia.

## Estratégias de desinformação

**Negação direta. Dúvida artificial (“a ciência está dividida”).  
Culpabilização seletiva (indígenas, ONGs, países pobres). Falsas  
soluções. Teorias da conspiração.**

### Negação direta

No texto “Marina, a campeã do mal ...”, há uma afirmação de que “as denúncias contra Bolsonaro pelas queimadas foram completamente fabricadas”. Isso é uma negação direta de acusações anteriores, alegando falsificação de denúncias.

### Teorias da conspiração

Há insinuações de que há uma articulação oculta ou manipulação. Por exemplo, que denúncias foram “fabricadas”, que o silêncio dos artistas foi “comprado”. Essas afirmações sugerem que há uma trama deliberada para esconder algo (atos do governo, ou para proteger certas pessoas).

São características típicas de teorias da conspiração, mesmo que não explicitadas como “uma conspiração formal”, mas no sentido de “há um grupo que está encobrindo / manipulando / omitindo”. exemplo: “onde estão os artistas?”, “silêncio foi comprado”.

### Culpabilização seletiva

Há culpabilização clara de pessoas ou grupos específicos: Marina Silva, o PT, o governo Lula, ONGs (indiretamente como “compradas”), facções criminosas, artistas por “silêncio”. Ou seja, certas figuras/entidades são apresentadas como responsáveis absolutos ou principais agentes dos problemas. Exemplo: “Marina Silva no ministério significa mais queimadas na Amazônia”.; “O silêncio da classe artística foi devidamente comprado pelo dinheiro da Lei Rouanet”.

## Interesses econômicos

**Há anúncios ou vínculos com setores como agronegócio, petróleo, mineração, que possam influenciar a linha editorial?**

**Com base na análise do conteúdo e da linha editorial dos três artigos fornecidos pelo Jornal da Cidade Online, é possível identificar fortes indícios de vínculos ideológicos e possíveis afinidades com setores como o agronegócio, embora não haja anúncios explícitos ou declarações de patrocínio nos textos em si. A influência é percebida através de:**

### **Enquadramento temático e escolha de inimigos:**

As matérias atacam consistentemente a agenda ambientalista e os órgãos de fiscalização (como o IBAMA), retratando-os como entraves ao desenvolvimento ou cúmplices de crimes. Esse posicionamento é frequentemente alinhado com os interesses de setores que pressionam por menos regulação ambiental.

### **Uso de linguagem :**

Termos como "campeã do mal", "covardemente silencia" e a associação direta entre política e criminalidade organizada indicam um viés editorial claro e militante, distante da imprensa neutra. Esse tom é característico de veículos que atuam como porta-vozes de determinados interesses políticos e econômicos.

## Interesses econômicos

### **Narrativa contra a governança ambiental:**

A matéria "Com o PT, facções transformam Amazônia em rota do crime" culpa um partido político específico pela criminalidade, ignorando a complexidade do problema. Já "IBAMA covardemente silencia sobre crime ambiental cometido por Lula" ataca diretamente o órgão fiscalizador e o governo federal. Essa crítica seletiva e agressiva à fiscalização ambiental é um ponto comum em veículos que simpatizam com setores que se sentem prejudicados por essas regulações.

**Foco no agronegócio como vítima ou solução:** Embora não explicitado nos textos fornecidos, a constante oposição às políticas ambientais e à esquerda política (PT) é um discurso frequentemente adotado por segmentos do agronegócio que se opõem à criação de áreas de preservação e à fiscalização de terras. O veículo se posiciona, portanto, no mesmo espectro discursivo.

No entanto, não é possível afirmar categoricamente sem analisar a estrutura de propriedade e as fontes de receita do veículo. No entanto, a linha editorial altamente ideológica e o conteúdo dos artigos demonstram um claro alinhamento com os discursos e interesses de setores, em especial o agronegócio, que são críticos da legislação ambiental e dos órgãos de controle. O veículo atua como um propagador desse ponto de vista, sugerindo uma influência ou uma afinidade editorial com esses setores.

## Vozes privilegiadas

**Quem tem mais espaço na matéria: empresários/políticos ou cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais?**

O espaço é dominado quase exclusivamente pela perspectiva de políticos e pela narrativa editorial do próprio veículo. Cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais não têm praticamente nenhuma voz ou espaço nas matérias analisadas do jornal.

- **Predomínio da narrativa política e de acusação:** espaço é majoritariamente ocupado por uma narrativa que atribui culpas a partidos políticos (PT), governos e figuras públicas específicas (Lula, Marina Silva).
- **Voz do Veículo como Protagonista:** Em dois dos três artigos, a principal voz é a do colunista ou da linha editorial do jornal, que se apresenta como o "denunciante" dos fatos, sem recorrer a fontes externas independentes.
- **Silenciamento das vozes técnicas e sociais:** Cientistas, movimentos sociais e povos tradicionais são completamente invisibilizados. Suas perspectivas, análises técnicas e experiências de vida, que seriam cruciais para um debate aprofundado sobre temas tão complexos como meio ambiente e criminalidade na Amazônia, estão totalmente ausentes.

## Vozes privilegiadas

Portanto, a distribuição de espaço é profundamente desequilibrada, privilegiando uma visão político-ideológica em detrimento de vozes especializadas e dos atores sociais diretamente envolvidos e impactados pelos temas em discussão.

Referências:

[Área queimada na Amazônia foi a maior em 4 décadas... Cadê Marina Silva? Cadê os artistas? \(veja o vídeo\).](#)

[Ibama covardemente silencia sobre “crime ambiental” cometido por Lula](#)

[Marina, a campeã do mal e o silêncio dos artistas](#)